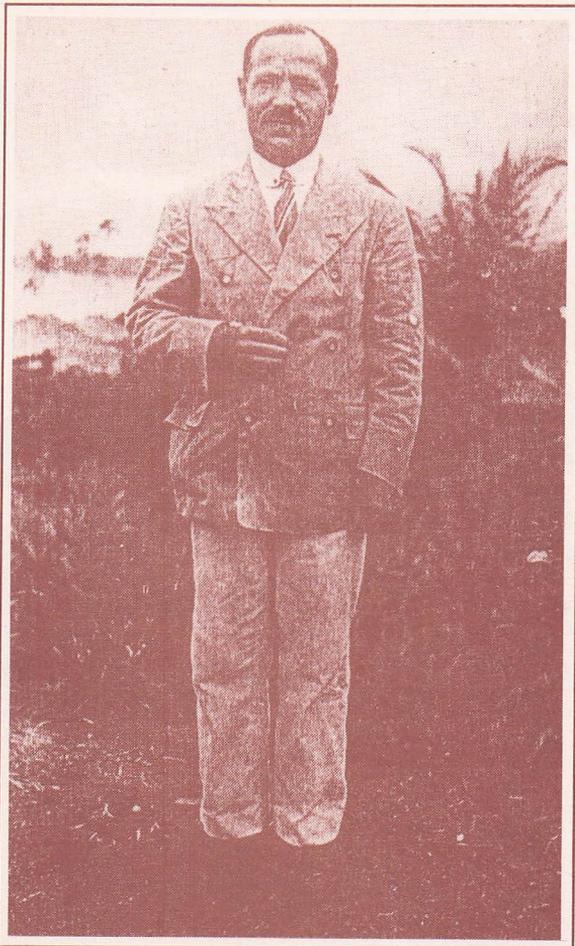


*As cores do Dom Miguel  
+ Michele D'Aversa*

**Dom Miguel D'Aversa, SDB  
Bispo Emérito de Humaitá**



**UM HERÓI AUTÊNTICO  
NO "INFERNO VERDE"**

**O SALESIANO COADJUTOR  
MIGUEL BLANCO**

**Dom Miguel D'Aversa, SDB  
Bispo Emérito de Humaitá**

**UM HERÓI AUTÊNTICO  
NO  
"INFERNO VERDE"**

**O SALESIANO COADJUTOR  
MIGUEL BLANCO**

1996

## SUMÁRIO

Declaração . . . . .	5
Justificativas do título deste livrinho . . . . .	7
Apresentação . . . . .	9
Primeira expedição de Missionários do Rio Negro . . . . .	11
Salesiano Coadjutor Miguel Blanco (Transcrito de "Heróis Autênticos", 2º volume) . . . . .	12
Casas onde o Sr. Miguel trabalhou . . . . .	14
Primeira aldeia de cristãos Tucanos . . . . .	15
Crônica da Missão de Jauareté-Cachoeira . . . . .	16
Vista da Missão de Jauareté (da boca do Rio Papury) . . . . .	18

### PRIMEIRA PARTE

<b>Falam do Sr. Miguel Blanco . . . . .</b>	<b>19</b>
1- Dom Pedro Massa . . . . .	20
2- Dom João Marchesi . . . . .	21
3- Sr. Theutônio Ferreira (aos 98 anos) . . . . .	21
Os Salesianos Coadjuutores Miguel Blanco e Afonso Ambrósio . . . . .	23
4- P. José Dalla Valle . . . . .	24
5- Salesiano Coadjutor Jarbas Valença . . . . .	26
6- Salesiano Coadjutor Guilherme Adámek . . . . .	26
7- Irmã Irene Oliveira de Melo, FMA . . . . .	27
8- Ex-aluno do Sr. Miguel: Isidoro Freitas . . . . .	28
9 - Notícias recolhidas por Dom Miguel . . . . .	29
Sr. Miguel com roupa de trabalho . . . . .	31
10- Sr. Miguel em Ananindeua . . . . .	32
11- Delicadeza do Sr. Miguel . . . . .	33
12- Sr. Miguel... porco... porco... . . . . .	33

13- A história de uma anta mansinha . . . . .	34
14- Trouxe a galinha . . . . .	35

**SEGUNDA PARTE:**

<b>Declarações de nove autoridades governativas brasileiras e colombianas, sobre as Missões Salesianas do Rio Negro, anotadas escrupulosamente pelo Sr. Miguel . . .</b>	<b>36</b>
--	-----------

**TRECHOS EXTRAÍDOS DE “O INFERNO VERDE”**

1- Dificuldades que se deparam aos missionários . . . . .	41
2- Injustiças praticadas contra os índios . . . . .	43
3- Brancos raptam dois índios, arrimos da família . . . . .	45
4- Batismo de um menino de oito anos . . . . .	47
5- Uma casa em cima da outra . . . . .	47
6- Padre, eu sabia que vinhas ter comigo . . . . .	48
7- Um grupo de índios Macus, pela primeira vez na igreja . . . . .	49
8- Os pedidos de dois velhos Tucanos . . . . .	50
9- Oferece peixe ao padre que está celebrando a Missa . . . . .	51
10- Onça mata Macu, Macu pega onça . . . . .	51
11- Recepção solene do P. Marchesi . . . . .	52
12- Eu tomo o remédio, quando estiver bom . . . . .	52
13- Ovos da choca para comprar sal . . . . .	54
14- Quando se bate na lua, fica-se mais forte . . . . .	54
15- Gente que passa... gente que passa... . . . . .	55
16- O jacaré . . . . .	55
17- Vocês vão enterrar uma pessoa viva? . . . . .	56
18- Uma carta autógrafa do Sr. Miguel Blanco . . . . .	57
19- Uma página em Nheengatu: Minha terra tem palmeiras . . . . .	59
20- Uma página em Tucano: Os Mandamentos e os Sacramentos . . . . .	60

## **DECLARAÇÃO**

**DECLARAMOS, PARA OS DEVIDOS FINS, que a estas memórias, declarações e testemunhos, prestamos apenas a fé humana, como a qualquer episódio ou notícia.**

## **JUSTIFICATIVAS DO TÍTULO DESTE LIVRINHO**

A — Em 1936, o Sr. Miguel Blanco escreveu um opúsculo que foi publicado nas Leituras Católicas de Niterói, com o título: "O INFERNO VERDE".

B — Em 1962, celebrando cinqüenta anos de sua profissão religiosa, o Sr. Miguel desejava voltar para a Espanha definitivamente. Eu o aconselhei e convenci que não devia deixar as Missões do Rio Negro, onde derramara tantos suores, edificando a todos com sua vida religiosa exemplar. Sugerí-lhe que acrescentasse mais notícias ao livrinho, já esgotado, e faríamos uma segunda edição. Aceitou a proposta.

A segunda edição foi feita em Portugal, sempre com o mesmo título: "O Inferno Verde". Nós ficamos com 200 exemplares e, no dia do aniversário dos 50 anos de profissão, com o avião da FAB, fui a Jauareté e entreguei pessoalmente ao Sr. Miguel os 200 exemplares.

Na academia, li o telegrama com a bênção do Papa João XXIII, que nos chegou através do P. Virgínio Battezzati. O título da segunda edição ficou como estava: "O Inferno Verde".

C — O nome do Sr. Miguel já está no segundo volume de "HERÓIS AUTÊNTICOS", à página 112, onde temos os traços biográficos dele.

D — Na última capa da segunda edição, alguém escreveu justamente: "O INFERNO VERDE DE MIGUEL BLANCO. Palpita nele a Amazônia, imenso coração vegetal que, no correr dos séculos, tem apaixonado gerações, ávidas de beleza e de emoção. Por cada folha morta desse maravilhoso INFERNO VERDE, há a SOMBRA DE UM HOMEM QUE VIVEU E AMOU, UMA ALMA E UMA AVENTURA".

**E — O SALESIANO COADJUTOR.** É necessária uma explicação do que seja “SALESIANO COADJUTOR” e quais as suas qualidades, dotes, responsabilidades, conforme definidas pelo mesmo Dom Bosco.

«A SOCIEDADE SALESIANA é composta de clérigos e de leigos, que vivem a mesma vocação em fraterna complementaridade. Nas Constituições renovadas, para uns e outros, o substantivo “Salesiano”, conota a única vocação, a que se acrescenta depois o adjetivo “Coadjutor” ou “Leigo”, e “Presbítero” ou “Padre”, capaz de especificar a forma vocacional.»

Na conferência aos Coadjutores, em San Benigno Canavese, em 1883, em poucos pensamentos, Dom Bosco dá a idéia clara de “Salesiano Coadjutor”.

«... 3º — Preciso em todas as casas de um Coadjutor, ao qual se possa confiar encargos de maior importância, mesmo o manusear o dinheiro, resolver questões, representar a casa perante o mundo.

... 4º — Tenho necessidade que na cozinha, portaria, rouparia, enfermaria, sacristia... tudo corra bem.

... 7º — Essa é a idéia do Salesiano Coadjutor. Preciso tanto que muitos venham me ajudar desse modo.

... 9º — É mister que onde se acha um de vocês, se possa estar certo de que aí reina a ordem, moralidade, se pratica o bem.»

Podemos resumir dizendo que o “Coadjutor Salesiano” é pau para toda obra.

**CONCLUSÃO:** Com estas cinco provas, fica bem justificado o título deste livrinho: “UM HERÓI AUTÊNTICO — NO INFERNO VERDE — O SALESIANO COADJUTOR MIGUEL BLANCO”.

## APRESENTAÇÃO

Em 1962, quando pela última vez, como Inspetor, visitei a Missão de Jauareté, depois de ter conversado com os salesianos, atendi também a oito jovens internos. Pareceu-me que todos eles tivessem combinado o que deviam dizer e pedir, pois todos fizeram as mesmas perguntas. Cada um veio e se apresentou:

— Padre Inspetor, o senhor chegou?... P. Inspetor, o senhor está bem?

Depois destas duas perguntas, veio a minha vez:

— O senhor deseja alguma coisa?

— Eu desejaria ir com o senhor para Manaus, para estudar muito, porque **eu quero ser como o Sr. Miguel Blanco**.

Belíssima resposta, que me fez refletir. Eles não sabiam o que é religioso, o que é Salesiano Coadjutor; mas tinham um exemplo para apontar. "O exemplo arrasta."

Foi refletindo sobre este episódio, que me veio a idéia de fazer reviver e conhecer este nosso irmão que, apesar de falecido há 28 anos, ainda nos fala.

Ex-alunos e velhos que conheceram o Sr. Miguel, todos eles guardam saudosa lembrança dele, tempos idos, tempos que despertam saudade.

Este livro se compõe de duas partes:

**PRIMEIRA PARTE** — Somos nós que falamos do Sr. Miguel Blanco, transcrevendo notícias de arquivo, depoimentos de superiores, irmãos salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, ex-alunos e conhecidos. São exemplos de fidelidade e de dedicação às Missões Salesianas do Rio Negro. Depois de tantos anos de seu falecimento, as notícias escasseiam. Assim mesmo, na procura de notícias, encontramos muita compreensão e colaboração.

**SEGUNDA PARTE** — É o Sr. Miguel que nos fala. Nesta segunda parte, vão notícias recolhidas especialmente no opúsculo "O INFERNO VERDE", e mais informações e anota-

ções encontradas nas crônicas e outros escritos.

Relembrando estes episódios do nosso HERÓI, devemos pensar no que nos diz Jesus no Evangelho: "Vejam os homens vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus."

Jauareté-Cachoeira,  
onde o nosso Herói, com seu bom exemplo,  
semeou o bem a mãos cheias.

Natal do Senhor, de 1995.

*Dom Miguel D'Aversa, SDB,  
Bispo Emérito de Humaitá, AM.*



1918

Primeira expedição missionária do Rio Negro. No centro: Monsenhor Lourenço Giordano e P. João Bálzola. Quatro Salesianos Coadjuutores: Miguel Blanco, Raimundo Marti, Antônio Machado, João Batista Zanella (o Sr. Miguel à direita de Mons. Giordano).

## **SALESIANO COADJUTOR MIGUEL BLANCO**

*(Transcrito de Heróis Autênticos, 2º volume, página 112)*

O Sr. Miguel Blanco nasceu em León (Espanha), aos 24 de agosto de 1890. Privado em tenra idade de seus pais, recebeu a educação na família dos senhores Izidro Cuervo e Rozenda Fernández, os quais souberam fazer, deste filho adotivo, uma alma de escol. Aos 18 anos, vendo nele um jovem de vida fervorosa e pura, apresentaram-no aos Salesianos de Carabanchar-Alto, para o aspirantado. No ano seguinte, 1909, era admitido ao Noviciado e se tornava Salesiano de Dom Bosco.

Depois de um triênio prático, em Santander, como assistente e professor, os superiores lhe concederam que fizesse a profissão perpétua. Alguns dos grandes salesianos da Espanha de então lhe dedicaram uma sincera amizade e uma verdadeira estima. Estando em Jauareté, ainda recebia cartas preciosas que ele lia e relia com muita emoção. Era realmente um santo, pequeno de estatura, mas grande de espírito.

Em 1910, quando os superiores preparavam um grupo de missionários para a abertura das Missões do Rio Negro, encontraram na Espanha um ótimo elemento: era o Sr. Miguel Blanco, que fez parte da primeira expedição ao Rio Negro.

Ele ainda contava aos meninos sua viagem aventureira, Rio Negro acima, até São Gabriel, em companhia do Prefeito Apostólico, Mons. Lourenço Giordano e P. João Bálzola, afamado missionário dos Bororos no Mato Grosso. Pobreza e miséria, falta de comunicação e tudo quanto pode haver de pior. Foi o que aconteceu naquilo que depois haveria de ser a Prelazia do Rio Negro e, mais tarde, a Diocese de São Gabriel da Cachoeira. "Ánimo, valor y nó miedo", era a expressão habitual de Miguelito Blanco.

De fato, desde o dia da chegada dos missionários,

turmas de meninos, que viviam na beira do rio, maltrapilhos, começaram a acercar-se deles, passando todos os dias na missão, ajudando na limpeza do lugar, na preparação dos campos, estradas e pátios para jogos e aguardando o dia de iniciar a escola. E quando sobrevieram as dificuldades, animados por um grande espírito de fé e com a esperança de um futuro melhor, o P. Bálzola e o Irmão Miguelito Blanco sustentaram a missão em franco progresso, atendendo ardorosamente a todos os serviços que a mesma reclamava.

Em 1924, Mons. Pedro Massa agradeceu publicamente ao Sr. Miguel Blanco os sacrifícios que soube fazer corajosamente durante os primeiros 10 anos de missão rio-negrina; e, como prêmio, concedeu-lhe uma longa visita à terra natal, para restabelecer-se na saúde e voltar depois com novos operários ao vasto campo de trabalho. Foi nestas circunstâncias que, a pedido do P. Pedro Ghislandi, o Sr. Miguel Blanco passou um ano como professor e assistente no Colégio Dom Bosco de Manaus.

Em 1929, a obediência o levou a Jauareté, como co-fundador da Missão, que gozou do melhor de suas atividades e de seu entusiasmo dinâmico. Foi professor admirável. Aulas numerosas, mas sempre bem cuidadas. Os seus antigos alunos, todos os que passaram por sua classe, guardam a mais saudosa lembrança.

No encerramento dos retiros, não podia faltar o discurso do Sr. Miguel, as destinações, os comentários do "capítulo da cozinha" e outras brincadeiras... Trabalhava silenciosamente, sem ostentação, como se fora o último da casa.

O Sr. Miguel Blanco, o último da primeira turma de missionários do Rio Negro, despediu-se. Recebeu, com lucidez de mente e bem compenetrado, os sacramentos dos enfermos, e cotidianamente a Santa Comunhão.

A morte deste irmão impressionou vivamente a todos. Foi chorado como se fosse o próprio pai, como se fosse um irmão carnal. "Adeus, caríssimo Sr. Miguelito; adeus!"

## **Casas onde o Sr. Miguel Blanco trabalhou:**

1º) De 1918 a 1931: em São Gabriel da Cachoeira.

2º) De 1932 a 1933: em Taraquá.

3º) De 1934 a 1942: em Jauareté-Cachoeira.

4º) Em 1943: no Colégio do Carmo, em Belém do

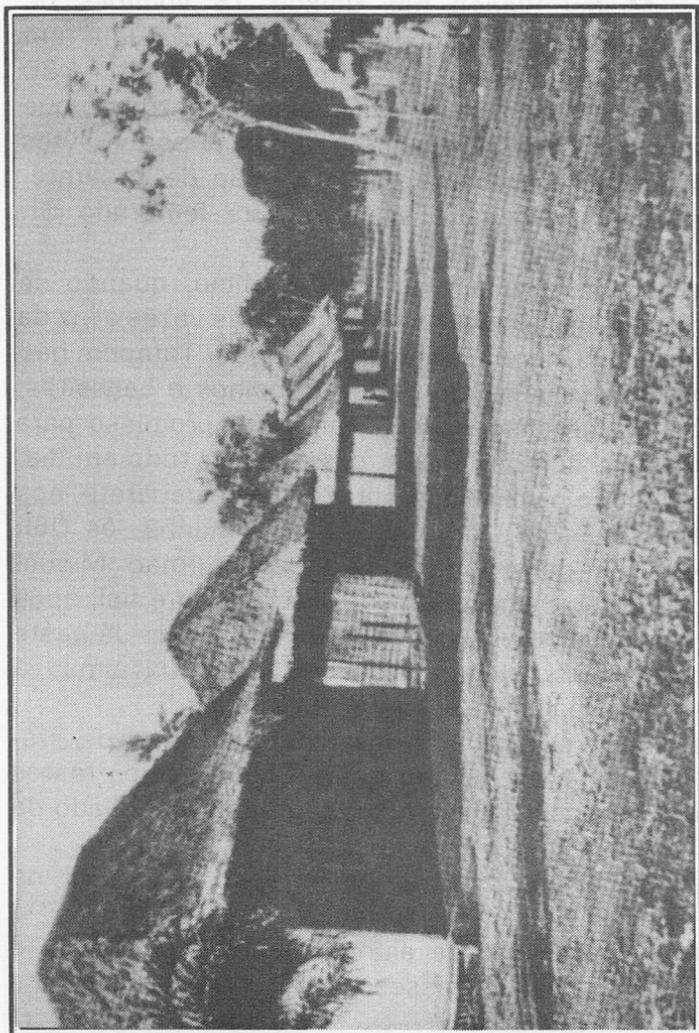
Pará.

5º) De 1944 a 1955: em Jauareté-Cachoeira.

6º) Em 1956: no Colégio Dom Bosco, de Manaus.

7º) De 1957 a 1968: em Jauareté-Cachoeira, onde faleceu aos 15 de outubro de 1968.

Devemos notar que, em 1921, quando o Sr. Miguel estava em São Gabriel, foi inaugurada uma fanfarra. "Eis os indiozinhos, ontem selvagens, agora marchando garbosos ao som rítmico do tambor e das harmonias estridentes das cornetas, que não encontravam similares num raio de milhares de quilômetros" (1º volume do Centenário, pág. 149).



A primeira aldeia de cristãos Tarianos, em Jauareté-Cachoeira, no segundo ano de fundação, em 1930.

## CRÔNICA DA MISSÃO DE JAUARETÉ-CACHOEIRA

O Sr. Miguel Blanco nos deixou 18 volumes de crônica, que vão desde o começo de 1933. Cada volume tem aproximadamente 90 páginas; portanto, um total de 1.820 páginas. Conta detalhadamente, minuciosamente, tudo o que se passa na comunidade. Digo sinceramente: nunca vi livros de crônica tão completos como os da Missão de Jauareté-Cachoeira, escritos pelo saudoso e sempre lembrado Sr. Miguel Blanco.

A crônica custou um grande sacrifício, quando se pensa que era escrita de noite, no dormitório, às vezes à luz da vela. Muitas vezes os alunos o viram cochilando. Também não era para menos! Depois de um dia de trabalhos e canseiras, quando era tempo de descansar... mas o compromisso para com a comunidade, como cronista, devia deixar tudo em dia.

Consultando o volume 20 da crônica de Jauareté, aos 15 de outubro de 1968, lemos: "Hoje de manhã, às 06h 30min, deixou-nos para sempre o saudoso irmão Miguel Blanco, o qual foi receber o prêmio do servo bom e fiel, após 53 anos de vida missionária, com 78 anos de idade. Já neste dia se ofereceram abundantes sufrágios pela sua alma, já purificada em vida, pelos seus muitos sacrifícios."

Aos 18 de outubro: "Após a Santa Missa de «réquiem», se realizou o enterro do irmão Miguel, cujos restos mortais descansam no centro do cemitério antigo, ao lado da cruz."

Apenas por *curiosidade*, vejamos o que está na Crônica:

a) Alunos: número de alunos, quantos chegaram e quantos saíram; quantas classes, com quantos alunos e professores.

b) Trabalhadores: bem discriminados, onde trabalham, o que fazem, o número deles, a alimentação.

c) Movimento da despensa: aproximadamente o

número das pessoas atendidas; mercadorias que chegam, pedidos, certas dificuldades.

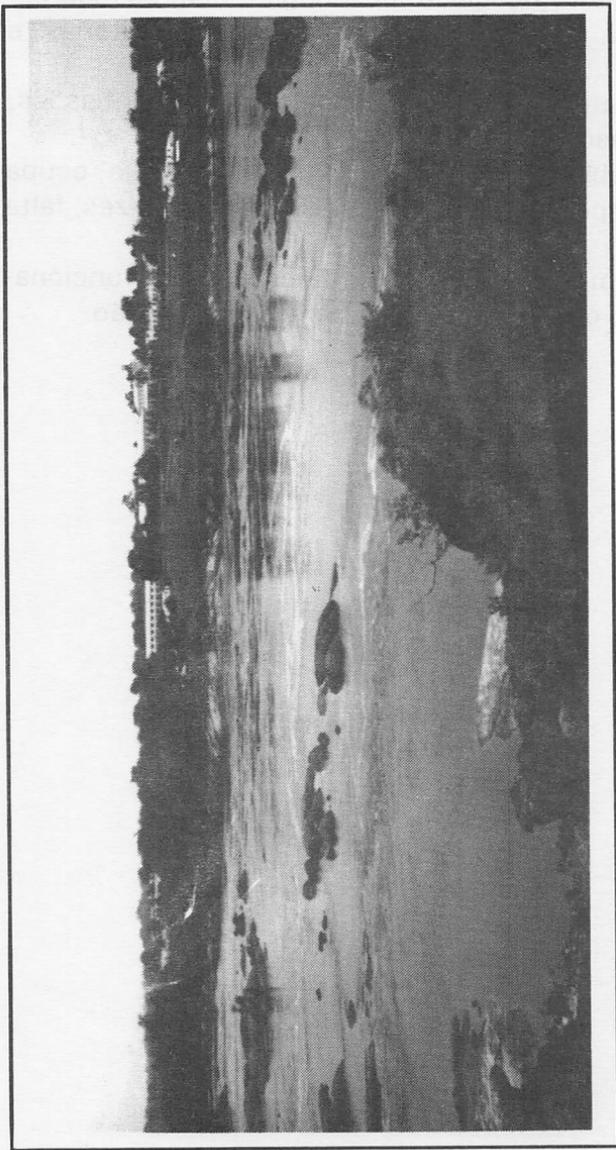
d) Movimento das Companhias Religiosas, associações, suas reuniões e número de sócios.

e) Movimento Religioso: desobrigas, com os lugares, festas, quem foi, condução, resultado obtido, vitórias e sacrifícios.

f) Movimento Religioso na sede: missas, confissões, instruções, procissões.

g) O problema sério das construções, que ocupa sempre muito tempo, material, trabalhadores e, às vezes, falta de continuidade.

h) As comunicações: nos últimos anos, o funcionamento da FONIA, que liga os vários centros da Missão.



Vista da Missão de Jauareté-Cachoeira, da boca do Rio Papury. É o reino dos Tarianos, como Pari-Cachoeira é dos Tucanos. Ao todo, são 11 as tribos que estão em toda a Missão do Rio Negro. É costume deles não casar com gente da mesma tribo. Este o motivo por que as crianças aprendem primeiro a língua da mãe, e depois a do pai. Indo à escola, aprendem o português. De modo que, em questão de línguas, o indígena sabe mais do que o branco.

## **PRIMEIRA PARTE**

**Os superiores, os irmãos, os ex-alunos,  
os conhecidos, os amigos, os admiradores**

**FALAM DO**

**SENHOR MIGUEL BLANCO**

# 1. DOM PEDRO MASSA

No segundo volume da Crônica, aos 8 de dezembro de 1935, temos uma belíssima afirmação a respeito do nosso Herói.

“Deixo aqui consignado o meu aplauso ao Sr. Miguel Blanco, nosso caríssimo irmão (que aliás é o mais antigo missionários do Rio Negro), pela crônica da Missão, à qual ele dedica o melhor cuidado e o mais louvável empenho, consignando assim para a história todos os acontecimentos, que mais tarde poderão ilustrar a vida e os inícios da Missão de Jauareté-Cachoeira.”

No terceiro caderno da Crônica, temos outra nota: “Li com muita atenção e prazer a crônica desta casa, notando com satisfação que foi feita com diligência e com abundância de notícias, que poderão ser muito úteis para a futura história das Missões.”

“Miguel Blanco, espanhol, desde 1918, quando em companhia de Monsenhor Giordano penetrou pela primeira vez no Rio Negro, merece uma atenção e um aplauso todo especial. Excelente mestre, benquisto por seus alunos, experimentado ensaiador de peças teatrais e horas acadêmicas e literárias, que cada domingo reúnem nos pátios da missão, à beira da mata secular, e alegam centenas de alunos e indígenas. O Sr. Miguel Blanco, no meio de seus afazeres, e apesar de sua idade, numa incansável atividade que vai da manhã à noite, ainda achou tempo para escrever um opúsculo de episódios missionários que foi publicado no Brasil, em 1936, lido com prazer e admiração. A este venerando missionário é que vai merecidamente, na data da Missão, que lhe deve tanto desde seus inícios, os mais merecidos aplausos e a gratidão de milhares de alunos, que ainda o amam e veneram” (*De Tupã a Cristo, 1941*).

## **2. DOM JOÃO MARCHESI**

a) "Também o nosso irmão Miguel Blanco, que trabalhou comigo entre os Tucanos por mais de quarenta anos, não achou outro título mais significativo para o seu livro do que «O Inferno Verde»."

b) "O Coadjutor Miguel Blanco deixou escrito: «Em São Gabriel todos lembram que Mons. Giordano era um homem que sabia entrar no coração daquela gente, pois toda tarde passava pelas casas conversando com seus filhos espirituais.»

c) "Assim, o Mestre Miguel Blanco deu conta da escola e da administração, enquanto o P. Bálzola recomeçava suas viagens ao alto Rio Negro."

## **3. SENHOR THEOTÔNIO FERREIRA**

Salesiano Coadjutor, na belíssima idade de 98 anos, contempla o Sr. Miguelito:

"O Coadjutor Miguel Blanco foi um religioso coadjutor salesiano como o queria Dom Bosco.

"Possuía uma fé inquebrantável, de uma piedade constante, trabalhador incansável e amigo da juventude, para quem entregou toda a sua vida missionária na Amazônia.

"Foi um professor capacitado, companheiro carinhoso do missionário itinerante. As casas das Missões do Rio Negro, por onde o Sr. Miguel Blanco passou, possuem um arquivo digno de ser consultado.

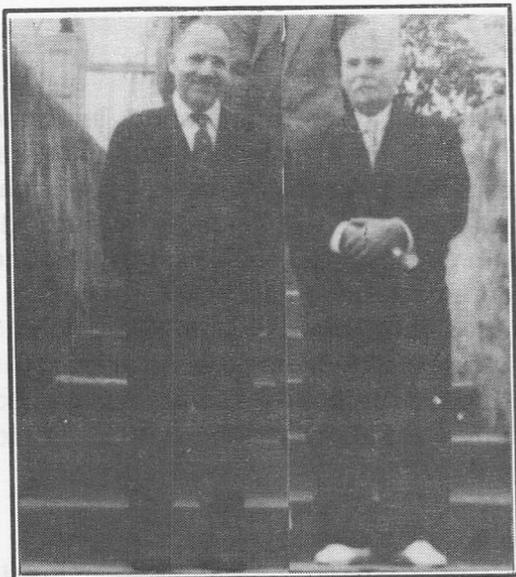
"A primeira vez que me encontrei com ele foi no princípio de 1931, em São Gabriel da Cachoeira, onde era assistente e professor, amigo dos jovens alunos.

"Fazia os alunos representarem nas festas colegiais, e ele fazia questão de tomar parte nas representações dos alunos. O Sr. Miguel Blanco chegou às Missões do Rio Negro em 1918, em companhia de Monsenhor Giordano, P. Bálzola e mais quatro Coadjutores, formando os fundadores das

Missões do Rio Negro.

"O Sr. Miguel Blanco passou a maior parte da sua vida missionária na Missão de Jauareté-Cachoeira, onde era o ecônomo, o assistente e o professor.

"O Sr. Miguel Blanco faleceu em Jauareté, com 50 anos de vida missionária no Rio Negro, no dia 15 de outubro de 1968. Ad Maiorem Dei Gloriam. São Gabriel da Cachoeira, aos 20 de dezembro de 1995." (*Theotônio Ferreira*)



### **OS SALESIANOS COADJUTORES Miguel Blanco e Afonso Ambrósio**

Por dezenas de anos trabalharam na mesma comunidade de Jauareté, com encargos diferentes. É interessante notar que morreram na mesma comunidade, no mesmo ano e no mesmo mês, com diferença de 15 dias: o Sr. Miguel morreu aos 15 de outubro de 1968 e o Sr. Ambrósio morreu aos 30 de outubro de 1968.

Interessante! Uma vez o Sr. Ambrósio, estando muito mal, ia internar-se no hospital da Missão. Deu de presente ao Sr. Miguel um terno novo que recebera de presente, dizendo: "Estou muito mal e vou morrer." Depois, ficou bom e, voltando para a comunidade, foi ao Sr. Miguel para que lhe devolvesse o terno, porque ficara bom. E o Sr. Miguel, restituindo o terno, augurou-lhe ainda muitos anos de vida.

## **4. P. JOSÉ DALLA VALLE**

Miguel Blanco, de vez em quando, lembrava os seus antigos formadores. Eram os salesianos da primeira geração. Eram os célebres fundadores das obras salesianas na Espanha, homens de trabalho, de salesianidade intensa, do espírito genuíno de Dom Bosco, os quais sabiam educar com o coração e a mente do grande Pai.

Lembrava, entre outros, Dom Marcellino Olaechea, que deixara memória profunda no coração do nosso inolvidável irmão. Lembrava outros também, e sempre com saudade. Bem se vê como aproveitara da formação e do exemplo recebido dos mesmos!

### **Homem de oração**

Quantas vezes percorria o grande pátio da Missão, indo e voltando, em seus afazeres de despenseiro, mexendo levemente os lábios, como quem está entretido em oração. E as suas expressões de louvor e agradecimento a Deus, e a Nossa Senhora Auxiliadora, quando, com o pouco que tinha, conseguia contentar a todos.

Passar longas horas atendendo pacientemente as pessoas que lhe traziam os seus produtos ou artefatos em troca de mercadorias; vendo contas a pagar e a ser pagas; tentando compreender as privações alheias... Algo estafante e difícil de se suportar, para ele era natural. Para um atento observador, essa atitude tinha uma explicação só na força de seu espírito de oração.

Certa vez foi encontrado, altas horas da noite, de joelhos aos pés da cama, com o terço entre as mãos. O sono o apanhara nessa atitude, enquanto assistia os seus alunos no dormitório. Tinha então 76 anos e era assistente atento e zeloso de uma turma de oitenta e tantos meninos.

### **A palavra ao ouvido**

Não era padre, era um simples irmão leigo; mas era zeloso pelo bem das almas; e sabia também ser discreto, para não ofender nem humilhar quem quer que fosse. Quando sabia

algo a respeito de um ou outro, adulto ou jovem, chamava-o em particular e dizia a famosa "palavrinha ao ouvido"... O efeito era seguro; e ele ficava contente de ajudar alguém a melhorar no comportamento.

### **A arte de declamar e representar**

Era um artista em todo o sentido da palavra; inclusive as Crônicas da Missão (vários e volumosos cadernos), dá gosto de ler: tão interessantes elas se apresentam na exposição dos fatos ou acontecimentos, nos comentários aos mesmos.

Discursista fecundo, colorido e rico de imagens, deixava a todos encantados pela sua oratória.

Nas representações teatrais, então, é que mais se abria para demonstrar seus dotes, encantando a assembléia com seus ditos e gestos. Via-se mesmo o Salesiano Coadjuutor segundo a mente e o coração de Dom Bosco.

### **Espírito de ordem e pobreza**

Mantinha tudo bem ordenado. Era, aliás, o seu estilo: tudo claro, limpo, ordenado. Como despenseiro, provedor da Missão, não deixava faltar nada. Feita a distribuição da comida para os dependentes e trabalhadores, levava consigo o que sobrava. Frequentemente o seu prato era da mesma comida que distribuía aos trabalhadores. Cabia a ele também prover os alunos de roupas para vestir, sabão para o banho e higiene. Fazia isto com precisão, não permitindo estrago ou desperdício, sempre levado pelo espírito de bondade, de razão e de compreensão.

Ensinava aos pequenos na alfabetização. Era admirável em ocupar com eles todos os momentos disponíveis. E como os ensinava a escrever e a ler!!!

Muitíssimos guardarão grata lembrança de tão dedicado mestre e professor.

## **5. SALESIANO COADJUTOR JARBAS VALENÇA**

Passei com o Sr. Miguel Blanco dez anos: de 1949 a 1959, sempre em Jauareté-Cachoeira. Trabalhava na despensa e nunca o vi alterado, atendendo sempre a todos com paciência e compreensão. Jamais lhe saiu da boca palavra de xingação. Todos gostavam dele, sendo a todos de bom exemplo.

De manhã, me acordava cedo para irmos juntos fazer a meditação, antes de os meninos acordarem. Era assistente como o queria Dom Bosco: sempre no meio dos meninos.

Quando fazia a leitura, era para que todos a pudessem escutar — em voz bem alta — e compreender. Vivia exemplarmente a vida salesiana. Cronista exemplar, não deixava passar nada.

## **6. SALESIANO COADJUTOR GUILHERME ADÁMEK**

Conheceu o Sr. Miguel, conviveu com ele 25 anos... e tem muitas coisas para contar.

Era muito dedicado aos índios, disposto a fazer qualquer sacrifício por eles. Atendia a todos, sempre sorridente e gentil. Atraía a todos com suas boas maneiras.

Suas principais devoções eram: ao Santíssimo Sacramento (manifestada no recolhimento na Santa Missa, na Comunhão e nas freqüentes visitas), a devoção a Maria Auxiliadora, ao Sagrado Coração de Jesus (com a reza dos Nove Ofícios e com as primeiras sextas-feiras), a devoção a São José.

Uma vez, na mesa, faltou o leite; ele logo pediu desculpas, quase chorando, dizendo ter feito o pedido, mas não o despacharam.

Quando faltava o padre, aos domingos à tarde, na igreja, alguns cantavam e ele depois contava episódios da

Sagrada Escritura, de Dom Bosco e de outros santos.

Na despensa sempre atendia a todos, mesmo com sacrifício; com os pobres era generosíssimo, dando até coisas de graça.

Bastava que aparecesse no palco, que logo era aplaudido: era cômico por natureza!

Havia uma vez um senhor, viciado na bebida alcoólica e muito exigente na aquisição de coisas na despensa. O padre diretor lhe disse: "Outra vez que aparecer, diga-lhe que antes venha falar comigo." Apareceu o homem e o Sr. Miguel lhe deu o recado do padre diretor. O homem achou ruim e começou a discutir com o Sr. Miguel, que estava no pátio, diante da despensa. Vendo-se quase ameaçado com murros, o Sr. Miguel foi recuando... até que caiu de costas; e bateu com a cabeça na ponta do muro da calçada. A queda lhe foi fatal. Daquele dia em diante, começou a declinar. Foi levado a Manaus e a Belém; porém, não se recuperou. Esta foi a causa da morte; porém, o Sr. Miguel nunca contou o acontecido. Somente depois da morte se soube.

Aquele senhor que foi a causa da morte do Sr. Miguel continuou com o mesmo comportamento: beberrão.

Na hora da morte, gritava; e a mulher dele contou que as últimas palavras dele (que delirava), foram estas: "Estou na margem do rio pescando; e eis que o demônio, em forma de um horrível monstro, me agarra e me leva." Estas foram as últimas palavras; e depois morreu.

## **7. IRMÃ IRENE OLIVEIRA DE MELO, FMA**

O Sr. Miguel Blanco foi um salesiano muito amante da pobreza. Ele atendia na despensa da Missão. Quando pedíamos três pregos, dava três pregos. Quando pedíamos quatro, dava quatro.

No dia do enterro, esqueceram de pregar a tampa do caixão e o amarraram com cordas. Então um indígena, na hora do enterro, trouxe uns pregos, e aí ajertaram o caixão.

Conta uma irmã: Toda semana os salesianos manda-

vam uma caixa cheia de roupas, seja dos padres como dos coadjutores. No final da semana, a roupa, lavada e passada, voltava na mesma caixa de madeira; a roupa dos coadjutores ficava em baixo e a dos padres em cima.

Acontece que os coadjutores usavam paletó; e o do Sr. Miguel chegou às suas mãos estragado. Na segunda-feira seguinte, na roupa do Sr. Miguel veio amarrada uma corda com um cartaz com a escrita: "Este cordão de ouro (a corda) é para a moça que passou o ferro no paletó."

Encontrando depois a moça de trabalho, ou quando as mesmas iam com o Sr. Miguel para comprar algo de que precisassem, ele sempre recomendava que fossem boas e rezassem o terço, tivessem muita devoção a Nossa Senhora.

O Sr. Miguel Blanco sempre foi um salesiano autêntico, piedoso e possuidor só do necessário.

Ainda o Sr. Miguel gostava muito de festas no palco. Dizia para um garoto: "Meu filho, vá na casa do compadre Mário buscar o galo que me prometeu!" E continuava "Vá logo num pé e volte no outro..." O artista saía pulando com o pé direito e voltava pulando no pé esquerdo! "Respeita as galinhas do povo!" E sempre tinha uma nova brincadeira.

São Gabriel da Cachoeira, 29 de dezembro de 1995.

## **8. ISIDORO FREITAS: ex-aluno do Sr. Miguel**

O Sr. Miguel, quando via alguma coisa esquecida pelos pátios, mandava apanhá-la. Quando os meninos encontravam botões, mandava apanhá-los e levá-los à costureira. Quando via alguma página rasgada e arrancada dos cadernos, com delicadeza, mas com firmeza, corrigia o aluno, dizendo que era falta de educação e de pobreza. Nas festas era muito generoso com os que vinham de fora. Matava galinhas, porcos, até boi; dava farofa, beiju, recomendando, porém, que não estragassem nada, porque era a Divina Providência que nos mandava tudo aquilo.

Fui entender o português, graças ao Sr. Miguel; tendo aprendido muita coisa para o futuro. Fui aluno dele no ano de

1956, quando o Sr. Miguel me ensinou coisas que eu nunca tinha ouvido. Tudo aprendi porque o Sr. Miguel ensinava com paciência incansável. Fui também auxiliar na despensa, várias vezes. Levava cada uma... por não saber falar o português. Foi nesse tempo, devido ao Sr. Miguel, que aprendi a decifrar as horas. Muitas vezes fui recitar poesias no palco, enquanto ele «soprava». Várias vezes fiz parte de ator nos teatros em que o próprio Blanco era quem exibia. A palavra que ele mais repetia: “Ânimo, valor e nó medo!” Outra palavra de que os alunos gostavam era: “cartão, cartão”. Era o vale.

Em tudo o Sr. Miguel era amado e animado.

Jauareté, 24 de dezembro de 1995.

Ex-aluno, Isidro Freitas.

## **9. Notícias recolhidas na minha permanência em Jauareté-Cachoeira, de 21 a 30 de dezembro de 1995, conversando com três ex-alunos do Sr. Miguel Blanco.**

### **9.1 Osvaldo**

Foi aluno do Sr. Blanco, do ABC até a quarta série. Ele me contava, entusiasmado, como no tempo dele o Sr. Miguel organizava as representações, fazendo sempre a parte cômica. Tinha muita paciência, quando fazia ensaios e desejava que tudo saísse do agrado dos espectadores. Não poupava sacrifícios, perdendo até sono. Morreu o Sr. Miguel, e tudo acabou-se.

### **9.2 Francisco**

Contava como o Sr. Miguel sabia agradar aos grandes, pais de família, especialmente nas festas. Dava um cigarrinho, um bombom, alguma bolacha... Numa palavra, ele sabia aproximar-se da gente, de tal modo que parecíamos verdadeiros irmãos. Quem foi tratado assim, nunca poderá esquecer o simpático e bondoso Sr. Miguelito.

### **9.3 Sebastião**

Este ex-aluno que me conheceu quando era inspetor, me contou que quando, de noite, os alunos iam para o dormitório, o Sr. Miguel recomendava que, antes de dormir, rezassem três Ave-Marias a Nossa Senhora. Ele nos dava o exemplo, pois ajoelhava-se aos pés da cama e rezava.

Este costume eu o conservei; continuo rezando e recomendo à minha família que faça o mesmo.

Muito bonito era ver no mês de maio, quando fazíamos o altazinho a Nossa Senhora. Sempre no dormitório, muitas vezes, vi o Sr. Blanco dando uma volta no meio das nossas redes, rezando o santo terço.



O Sr. Miguel Blanco, com a roupa de trabalho, com um grupo de meninos ajudantes. Além de professor e assistente, era também roupeiro, sapateiro, trabalhava na horta e na limpeza da casa.

Numa palavra, era mesmo o Salesiano Coadjutor como o queria Dom Bosco, salesiano ideal, "pau para toda obra".

## **10. SENHOR MIGUEL EM ANANINDEUA**

Conversando com o P. Alberto, vim a saber algumas coisas que se passaram com o Sr. Miguel, quando ele, estando doente, passou por aquela casa de formação.

a) Naquela ocasião, o Sr. Miguel perdeu quase completamente a memória. Uma vez, altas horas da noite, ele foi visitá-lo e o encontrou acordado. Conversando com ele, perguntou-lhe se naquela manhã tinha recebido a Santa Comunhão; respondeu que não. Foi buscar a Eucaristia e lhe deu a Santa Comunhão, que recebeu com todo o fervor e recolhimento. Depois de comungar, pegou no sono e somente acordou no dia seguinte, bastante tarde. Acostumado a comungar diariamente, sentiu-lhe a falta, e, uma vez que Jesus Sacramentado entrou no coração do nosso herói, deu-lhe a força para dormir.

b) No dia 24 de maio, solenidade de Nossa Senhora Auxiliadora, bem de madrugada, acordou, se levantou, vestiu o terno novo com a gravata, e logo que abriram a igreja foi o primeiro a entrar. Ficou rezando o terço até começar a Santa Missa. Participou ativamente, fazendo com todo o fervor a Santa Comunhão. Devemos notar como, mesmo no dia da festa, teve força e disposição para homenagear a Nossa Senhora, excelsa Padroeira da nossa Congregação, que para ele sempre foi objeto de devoção e de propaganda.

c) Nos momentos lúcidos, sempre manifestava o desejo de morrer em Jauareté. A última vez que conversou comigo, de volta da Assembléia de Itaici, ele me perguntou: "Se eu fosse com o senhor para Humaitá, o senhor me receberia?" — "Sr. Miguel, respondi-lhe, para nós seria o maior prazer se passasse uma temporada conosco."

Depois, quando ele pensava em viajar, e alguém lhe perguntava se desejava ir para São Gabriel, Taracua, Jauareté... respondia que não. Mas quando nomeavam Humaitá, respondia que sim. Esta cena se repetiu muitas vezes. Já no fim da estadia naquela casa, sempre insistia e repetia que desejava voltar para Jauareté e lá morrer. Uma vez ouviu falar de avião; logo se preparou e ficou horas a fio, esperando sentado num banco do pórtico.

## **11. DELICADEZA DO SR. MIGUEL**

Quando era Inspetor e fazia a visita a Jauareté, ele me tratava com toda a delicadeza e de uma maneira extraordinária. Acompanhava-me ao quarto, apontando-me todas as coisas. Recomendava-me que qualquer coisa que precisasse não tivesse acanhamento em pedir.

Duas ou três vezes por dia, me pedia a chave do quarto, para ver se faltava a água (não havia água encanada), perguntando-me sempre se precisava de alguma coisa.

Uma vez, entrando na igreja pela porta lateral, ele me apontou um rouxinol na gaiola, dizendo-me: "Este rouxinol é o nosso despertador, porque toda manhã, às seis horas, ele canta." No dia seguinte, na hora marcada, prestei bem atenção; e o despertador cantou. Naquela mesma ocasião me revelou um segredo. Colocando um espelho na frente dele, o rouxinol imitava o outro que aparecia no espelho. Fizemos a experiência, porque ele mesmo foi buscar o espelho. Quando coloquei o espelho na frente do rouxinol, ele, vendo o outro, começou a engelhar as penas... O outro fez a mesma coisa. Começou a cantar; e o outro o imitava... Contemplei uma cena nunca vista; isto devido à lição que o Sr. Miguel me deu.

Muito obrigado, meu irmão, por ter aprendido uma coisa que, aos 43 anos, não sabia ainda. O que aprendi, tive ocasião de ensinar a outros e dizer que quem me ensinou foi o Salesiano Coadjutor Miguel Blanco.

## **12. SENHOR MIGUEL, PORCO... PORCO...**

Numa das minhas visitas a Jauareté, durante o recreio dos meninos, estava eu conversando com o Sr. Miguel, quando um caboclo, todo contente, se aproxima de nós e, sem mais, diz: "Sr. Miguel, porco, porco..." Alguém que não estivesse acostumado a esta linguagem, talvez teria pensado

que o homem chamasse nome. O assunto era outro: era um negócio.

Para apreciar o negócio, eu mesmo acompanhei o Sr. Miguel. O homem tinha abatido um porco do mato, com mais ou menos 80 quilos. Ficara com uma parte e veio trazer o resto, não para vendê-lo a dinheiro, mas para trocá-lo por mercadorias.

Para presenciar o negócio, fui com ele até à despensa. Pesaram o porco; depois veio a troca. Naturalmente, o caboclo adquiriu muita mercadoria: açúcar, anzóis, linha, fósforos, querosene... só não levou cachaça, porque a despensa da Missão não fornece. Este o motivo por que outros levam o produto para outras lojas ou para o regatão.

### **13. A HISTÓRIA DA ANTA MANSINHA**

Outra vez que fui a Jauareté, presenciei uma cena muito engraçada. O Sr. Miguel, na despensa, tinha recebido um filhote de anta (uma vez que os índios levam uma coisa para a Missão, para a despensa, o encarregado deve recebê-la; caso contrário, se ofendem!). O Sr. Miguel fez a troca e depois entregou a anta para os meninos para que cuidassem dela. Ficava sempre no meio dos meninos: chutava a bola com o focinho, tomava banho no rio com os meninos, bastava tocá-la para que se deitasse e fosse coçada. Numa palavra, era uma maravilha, um brinquedo.

Outras duas vezes presenciei as mesmas cenas. Na última vez que fui, perguntei pela anta e me responderam: mataram-na, porque acertara com a horta e comia toda a verdura. Adeus, anta!

## 14. TROUXE A GALINHA

Na última vez que visitei Jauareté, presenciei uma cena interessante e instrutiva. Os pais de quatro alunos internos (dois meninos e duas meninas), vieram visitar os filhos. Depois da Santa Missa, os seis, sentados à sombra de uma árvore, almoçaram comendo a galinha assada, com farofa e beiju, que os pais trouxeram. Terminado o almoço, os pais se despedem dos filhos e vão à despensa, onde o Sr. Miguelito atendia.

Chegou a vez deles.

- “O que desejam?”
- “Açúcar e sal...”
- “E o pagamento?”
- “Trouxe a galinha.”
- “O que mais desejam?”
- “Linha, anzóis, rosca.”
- “E o pagamento?”
- “Trouxe a galinha.”
- “Mais alguma coisa?”
- “Fósforos, querosene...”
- “E o pagamento?”
- “Trouxe a galinha.”

Conclusão: Tinha trazido uma galinha, os seis comeram, e agora fazem compras!...

## **SEGUNDA PARTE**

### **O SENHOR MIGUEL BLANCO, EMBORA MORTO, NOS FALA**

É nos diários e crônicas que nos deixou, onde anotou o que acontecia na comunidade.

A — Em primeiro lugar, transcrevemos nove declarações de autoridades brasileiras e colombianas, que deixaram por escrito suas impressões sobre as Missões Salesianas do Rio Negro, e que o Sr. Miguel teve o cuidado de anotar escrupulosamente, fazendo mesmo o que diz o Apóstolo São João: “O que vimos e ouvimos, isto vos comunicamos”.

B — Dezessete episódios extraídos do livro “O INFERNO VERDE”, da autoria do nosso herói.

C — Uma carta autógrafa do Sr. Miguel, em que aparece o caráter alegre e brincalhão do biografado.

Uma página em Nheengatu: “Minha terra tem palmeiras”.

Uma página em Tucano: “Os Mandamentos da Lei de Deus e os Sacramentos”.

# **1. Palavras pronunciadas pelo Presidente da República, Dr. Juscelino K. de Oliveira, no dia 29 de janeiro de 1959, falando à televisão na Associação Comercial do Rio de Janeiro, publicadas na imprensa e transcritas pelo Sr. Miguel Blanco.**

“Dentre as viagens por mim recentemente realizadas, a que mais empolgou o meu espírito foi a de Manaus, às fronteiras do Brasil, para visitar as obras assistenciais a cargo das Missões Salesianas do Rio Negro.

Foram sete horas sobrevoando as selvas, vilas e aldeias, centros de trabalho e de atividades dos caboclos e indígenas aí reunidos e dirigidos pelos Missionários Salesianos.

Taraquá e Tapuruquara, por mim visitadas pessoalmente, proporcionaram ao meu espírito momentos de exaltação patriótica que me comoveram profundamente.

Obras e construções colossais e modernas, atendendo às exigências da civilização, centenares de crianças agitando bandeiras ao canto do hino nacional, gritando vivas ao «Juscelino», com entusiasmo patriótico, constituíram um conjunto de surpresas e de admiração que não poderei tão cedo esquecer.

Brasília, trampolim do Amazonas, tem assim os imitadores na obra civilizadora, com que os Salesianos fazem surgir no seio da selva virgem e secular, o novo Brasil, criando uma geração nova naqueles centros que, emulando sob vários aspectos a iniciativa oficial do meu governo na conquista do interior do país, afirmam a vitória do espírito do trabalho, quando guiados pelo ideal de um Brasil melhor.

Aos Salesianos, pioneiros desta civilização, no vale Amazônico, os meus aplausos e o nosso propósito de auxílio e de cooperação do meu governo.”

## **2. Palavras do Senhor General Alexandrino da Cunha, em serviço de inspeção de fronteiras, pronunciadas na Missão de Jauareté, aos 30 de maio de 1930, e registradas pelo Sr. Miguel Blanco.**

“Não quero, nem devo partir deste rincão hospitaleiro, sem deixar consignada a impressão magnífica que me causou o vosso convívio nessas viagens de peregrinação e de estudo. Essa impressão eu a levo, e com ela minha saudade... Não vi nada de melhor, de mais surpreendente, nesta selva amazônica. A vossa atividade culmina aqui em Jauareté... O nome do Chefe da Nação e das altas autoridades é aqui acatado e respeitado. Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, é considerado por essa população indígena de sangue puro como grande!!! Salesianos e Salesianas da minha Pátria, eu vos saúdo e vos agradeço em meu nome e dos oficiais que me acompanham nesta inspeção, porque vós sois na realidade obreiros do sadio e construtor nacionalismo das nossas selvas.”

**3.** “Visitando, hoje, pela terceira vez, as Missões de São Miguel, em Jauareté-Cachoeira, cumpre-me, a bem da verdade, consignar aqui a íntima satisfação que sinto de ter encontrado um estabelecimento digno de elogio e bem organizado ao fim a que se destina. Encontrei sessenta e sete meninos e quarenta meninas, indígenas, sendo o estado sanitário muito bom. Percorrendo todas as dependências deste belo estabelecimento de ensino, só tenho palavras de elogios.

Jauareté-Cachoeira, 27 de setembro de 1932.

*José Sant’Ana Barros, Auxiliar de Serviços da Inspeção de Índios do Amazonas e Acre.”*

**4.** "É o terceiro dos estabelecimentos que visito, da Missão Salesiana do Alto Rio Negro. Como nos outros, a impressão que recebo é excelente, notável ordem, a harmonia e o esforço extraordinário que os abnegados Irmãos Salesianos e as Irmãs de Maria Auxiliadora empregam para levar a caridade cristã aos nossos aborígenes. Lutando no meio agreste e hostil, com a carência de recursos, renunciando ao conforto, vão vencendo sempre. É a fé que tudo vence."

Jauareté, 9 de janeiro de 1933.

*Tenente-Coronel Themistocles Paes de Souza Brasil,  
Subchefe da Comissão Brasileira de Limites com a Colômbia.*

**5.** "Visitando mais tarde Jauareté, tive outra oportunidade de verificar a invulgar dedicação do Rev.mo P. João Marchesi e de todos os seus auxiliares e constatar, ainda, que as Irmãs de Maria Auxiliadora desenvolvem um trabalho muito digno."

Jauareté, 29 de maio de 1934.

*José Guiomar Santos, 1º Tenente.*

**6.** "Durante las campañas de 1931 e 1932, y 1932 a 1933, he visitado detenidamente las Misiones Salesianas de S. Gabriel, Taracúá y Jauareté, y de ellas tengo el más alto concepto, la mayor admiración, por su método, orden, abnegación y espíritu cristiano. Me refiro no sólo a los Padres Salesianos, sino también a las Rev.das Hermanas de María Auxiliadora. El éxito de estas Misiones, especialmente en lo que se refiere a la educación de los niños y niñas indígenas, y las fundaciones de poblados, es admirable.

Jauareté, 23 de abril de 1933.

*Humberto Bruno, Sub Jefe de la Comisión Colombiana de Limites con Brasil.*

**7.** "Só tenho uma expressão para os continuadores da obra de Dom Bosco: **SUBLIME!**"

Jauareté, 23 de abril de 1933.

*João Carlos Correia, da Comissão de Limites.*

**8.** "Os Salesianos não cogitam somente da parte puramente religiosa, mas muito mais, num alto serviço feito ao País, vão preparando ativos cidadãos perfeitamente integrados nos diversos deveres para com a família e para com a Pátria."

Antônio José Augusto, Inspetor de Meteorologia.

Jauareté, 25 de junho de 1934.

**9.** "Trabalharam conosco rapazes saídos do Colégio de Jauareté e filhos de indígenas da região, rapazes que sabiam ler e escrever corretamente e que nos deram as melhores provas de honestidade e da boa educação que receberam."

Jauareté, 22 de maio de 1934.

*José Guiomar, 1º Tenente — Chefe da Segunda Turma Mista de Demarcação Brasil-Colômbia.*

## **"O INFERNO VERDE"**

*Eis alguns episódios interessantes e instrutivos, tirados do opúsculo "O INFERNO VERDE". Estes episódios devem ser lidos com simplicidade, como foram escritos, o que é próprio do autor.*

*Para que o leitor conheça a linguagem e o costume do povo, sua simplicidade e modos de fazer, o que é de todos, possa tirar salutarens ensinamentos, pois este foi o desejo do autor.*

### **1. DIFICULDADES DOS MISSIONÁRIOS**

As dificuldades que se deparam aos missionários são de vários gêneros. Desde as difíceis condições do clima onde exerce o seu apostolado, até certas características do índio que não pode desde o princípio controlar, passando pela desconfiança que os indígenas por ele sentem, ao lembrarem-se daquilo que alguns maus brancos lhes fizeram, tudo aparece.

Enfim: o missionário tem dificuldade em exercer a sua atividade; os que dependem de si, comina-os com elevado espírito de compreensão e sacrifício; os que dependem dos outros, tudo faz para servi-los, mas muitas vezes é vencido nesta batalha desigual.

A primeira dificuldade reside no fato de a criança índia, tal como dissemos, começar desde muito cedo a usufruir de uma liberdade total: é que os pais não exercem a menor pressão.

Contarei a história verídica do Guilherme. Eu mesmo o conheci. Era aluno da missão de Taracua, estudioso e piedoso. Recebia periodicamente a visita dos seus pais e parentes. O pai, um corpulento índio Miritipapuya do rio

Riquié, tinha-lhe grande afeição. O pequeno tinha também uma boa dose de saudade do meio ambiente onde fora criado, a qual aumentava quando lhe vinha qualquer transtorno, por pequeno que fosse: dores de cabeça, dor de dentes, um bocadinho de febre, etc. Gostava da missão e de seus colegas, mas o afeto que nutria pelo colégio não era ainda suficiente para lhe tirar a saudade da maloca, do seu porto onde, devotamente, horas a fio, pescava, de caniço, de arco, da fogueira à beira do rio, onde assava a sua pescaria.

Infelizmente, numa das visitas que lhe fez o pai, o Guilherme pediu para voltar por uns dias à sua casa. Os superiores foram do parecer contrário, mas o pai declarou que se fazia o gosto dele. Aproveitando desta liberdade, o pequeno optou pela partida, não sem afirmar que voltaria quanto antes. Arrumada a roupinha (que lhe foi dada pela Missão, onde chegou tal como entrara no mundo). Lá foi matar a saudade, com intenção de voltar a freqüentar as aulas, a rezar na igreja, de tornar a brincar no recreio; mas... nunca mais voltou.

Um dia, na roça, viu numa árvore bastante alta um ninho de implumes passarinhos. Como todos os rapazes, desejou apanhá-los. Trepou, até o atingir. Porém, mal o tinha alcançado, quebra-se o galho em que estava, e o pequeno veio, vertiginosamente, cair num toco de árvore que lhe varou o corpinho! Teve ainda força para se livrar daquele punhal vegetal, mas veio a morrer horas depois, nos braços de seu pai!... Descanse em paz o pobre Guilherme!

No entanto, há exceções à regra. O leitor amigo não ignora que Bocayuva foi um grande propagador e defensor das idéias republicanas. Pois bem, na Missão de Jauareté há também um Quintino Bocayuva. Chegou ao Colégio com outros cinco companheiros, todos do Alto Papury e vestidos de cáqui natural... Tinham já decorrido vinte dias como internos. Quatro dos colegas, com saudade da maloca, convidaram o pequeno Quintino a acompanhá-los, numa evasão durante a noite. O pequeno, um dos mais novos, respondeu imediatamente: "Quando fugirem nesta noite, eu estarei dormindo." No dia seguinte, os outros tinham fugido; Quintino ficou. E pela resposta dada aos fugitivos, ganhou justamente o sobrenome de «Bocayuva».

## 2. INJUSTIÇAS PRATICADAS CONTRA OS ÍNDIOS

Não há muito tempo, um homem branco de um país limítrofe, dizia-me amigavelmente as seguintes palavras: "Os padres deixam os índios escovados." Respondi-lhe "Não, meu amigo; isso de escovados não. Porque escovamento é sinônimo de engano, e os missionários não ensinam a enganar a ninguém. O que eles fazem é instruir e educar. Claro que ambos trazem consigo o conhecimento da verdade e da mentira, da justiça e da injustiça; e o índio aprende com o missionário que também ele é um homem e que o homem é livre e não escravo."

Aquele fulano calou-se. Após termos falado do vento e da chuva durante um longo tempo, contou-me que, no ano anterior tinha vendido a um índio, em Ipanoré, uma saia por quinze mil réis, em dinheiro; e, com esse dinheiro, tinha pago a passagem de Ipanoré a Urubuquara (mais de quatro quilômetros) e dezoito paneiros de farinha. A saia estava bem paga com os dez mil réis, visto que esse é o preço da venda. Quer dizer que o índio foi enganado em cinco mil réis; e o missionário é que o escova!...

Um patrão deu a um índio, por dois anos de trabalho no batatal, um gramofone velho com poucas e enferrujadas agulhas e um disco. O indígena levou o instrumento para casa e tocou, tocou... Depois foi tem com o missionário para que este lhe desse em troca uma calça e um pouco de comida... Aquele pagamento não foi justo: foi um roubo!

Um índio, maltratado por um patrão branco, foi ter com outro e pediu-lhe que o aceitasse como empregado. Este respondeu que não via nenhum inconveniente, mas que seria necessário esperar até que se pusesse de acordo com o primeiro patrão, para lhe poder pagar a dívida que o índio tivesse contraído. O rapaz respondeu que não devia nada. O antigo patrão apresentou imediatamente uma elevada conta. Chamando o índio, seguiu-se este diálogo:

— Tiraste alguma coisa ao teu patrão

— Não, senhor.  
— Não tenhas medo; dize a verdade, que eu pagarei tudo.

— Eu não tirei nada, insistiu o índio.  
— E quem te deu a roupa que vestes?  
— A roupa, respondeu timidamente, era ele que nos mandava «arranjar» nos portos onde encostávamos.

Quer dizer que aquele homem ensinava os indígenas a roubar. Mas aqui na Missão, há mais de um branco que vem buscar medicamentos e os põe na conta dos índios! Estes escovamentos são filhos da avareza, e ferem também o sétimo artigo do Decálogo!

Infelizmente, há pior que isto. Ouvi contar no Alto Papury: um Tuchaua (que me parece pertencer à Colômbia), caiu no desagrado de um negociante do mesmo país. O índio foi preso, amarrado e ferozmente chicoteado. Dizem que o castigo lhe foi infligido por aconselhar os da sua tribo a não negociar com aquele homem branco.

Solto, sentiu-se tão infeliz, tão sentido, tão fora de si, que só pensou em vingar-se. Sublevou muitos da sua tribo, que é dos Carapanãs, contra o seu algoz; e, na primeira ocasião oportuna, dirigiram-se à casa comercial do negociante: levaram consigo o que puderam e incendiaram a casa!

O patrão estava ausente e, a substituí-lo, estava um criado que ficou reduzido a cinzas. Os motivos por que isto aconteceu são desconhecidos. Dizem uns que os índios o abateram a tiros; dizem outros que, estando doente e não podendo fugir, pereceu. A mulher do comerciante, que estava grávida, com o susto e com a fuga empreendida para se salvar, veio a morrer alguns dias depois. Quando o negociante soube do sucedido, reuniu um grupo de trabalhadores e de brancos, e foi às malocas dos Carapanãs, onde fez uma tal chacina, que nem as crianças e velhos foram respeitados.

Parece-me impossível que os brancos tenham incendiado desta forma. No entanto, em setembro de 1935, dois índios assassinaram, com terçados, dois brancos, um dos quais era aquele que mencionamos. Aí está a recompensa dos abusos praticados, ou consentidos, para com os indígenas.

### **3. BRANCOS RAPTAM DOIS ÍNDIOS, ARRIMOS DA FAMÍLIA**

Foi no dia 15 de agosto, festa de Nossa Senhora da Glória e da fundação Missionária Salesiana na povoação de Taracuí, que se deu o triste fato que vou relatar.

Terminadas as funções religiosas da manhã, quando os índios já se tinham retirado para suas malocas, dois velhos índios, seguidos de vários outros, se apresentaram na Missão com o rosto emocionado. O padre diretor, que sabia a sua língua, compreendeu logo o que se passava: dois brancos tinham entrado na casa dos dois velhos Tucanos, e tinham-lhes raptado os filhos, únicos sustentáculos de sua velhice. Os piratas entraram no lar inviolável, com armas em punho. A mãe, quase louca de dor, não cessava de clamar: "lee nagke, iee magke!" (ó meu filho, ó minha filha!).

A residência do missionário encheu-se de índios furibundos e ameaçadores. Da parte oposta do rio avançou uma barca: era a que conduzia as duas vítimas. O bater dos remadores tornou-se mais forte como uma flecha. O caso era grave e delicado, sendo forçoso tomar uma pronta decisão.

Os miseráveis estavam bem armados, tinham espingardas e poderiam, antes de serem dominados, matar alguém. Os índios tremiam de raiva, mas não se moviam. Eles, que zombavam das feras e das serpentes, mostravam-se acobardados à vista de uma arma de fogo!... O diretor da Missão, após ter implorado o auxílio de Nossa Senhora, acompanhado por dois Tucanos, embarcou numa ubá e partiu em perseguição dos traficantes de mercadoria humana. Como não acompanhei o missionário, deixarei que ele relate o que se passou.

A perseguição durou quase uma hora; mas, por fim, alcançamos os raptos. Estes, não podendo escapar das nossas mãos, ancoraram a barca, enquanto nós também ancoramos. Qual não foi a minha surpresa e desdém ao reconhecer no traficante de carne humana um indivíduo a quem dias antes tinha dado hospedagem e medicamentos. Aí estava, embriagado, no meio de seus companheiros, que não estavam em melhor estado. Desejava exprobá-los com dureza,

mas contive-me e tratei de agir com prudência, dirigindo-lhes algumas palavras indiferentes, antes de lhes pedir contas das próprias vítimas indefesas. Estas, acoradas num cantinho da barca, mal ouviram pronunciar seus nomes, puseram-se em pé, e quiseram passar para a nossa ubá. Não o permiti e mantive o diálogo.

Vim a saber que as vítimas deviam um pouco de sal, alguns fósforos e anzóis, fornecidos há tempo aos pais. Era o crime de que os acusavam: "o grande delito de que acusavam". Via que minhas palavras embaraçavam os culpados, e que estes não as podiam tolerar, pelo que o diálogo degenerou numa acalorada discussão. Notei que um deles, de feições assustadoras, agitava ameaçadoramente a espingarda e parecia disposto a dispará-la sobre nós.

Nessa altura, não sei por que inspiração, levantei-me e intimei a declinarem os nomes, a fim de os denunciar às autoridades que, diga-se com prazer, são inexoráveis para com os opressores dos índios. Ficaram atarantados e empalideceram perante a ameaça. Aproveitei a ocasião e fiz passar para a nossa ubá as pobres vítimas; e, mantendo os olhos fixos nos piratas, a fim de observar os seus movimentos, ordenei aos nossos que remassem em direção de Taracuá. Não ousaram fazer-nos nada; contemplaram-nos com os olhos turvos, ameaçadores, sem pronunciarem nem sequer uma palavra.

Quando o bom pastor retornou com as pobres ovelhas, furtadas, os índios receberam-nos com gritos prolongados, delirantes, enquanto os resgatados mostravam a sua gratidão, beijando-lhe as mãos...

Eis um ato de heroísmo de um padre missionário católico. Este é o verdadeiro pastor, o que dá a vida pelas suas ovelhas.

## **4. BATISMO DE UM MENINO DE OITO ANOS**

Os heróicos missionários que evangelizavam o Rio Papury, na margem colombiana, foram forçados, por falta de recursos, a limitar o seu ensino ao externato. Entre eles havia um menino de oito anos, que por ter passado pouco tempo na missão, não pôde receber o Santo Batismo. Adoeceu gravemente, pouco tempo depois de sua saída do colégio. Desejava receber o Santo Batismo, mas como fazer?

Dois colegas, já instruídos e cristãos, visitaram o doentinho, trataram-no como solícitos enfermeiros e instruíram-no no indispensável para receber este sacramento. Entretanto, a doença progredia na sua marcha veloz. O menino já estava preparado para que as águas regeneradoras o fizessem digno do céu: mas faltava o sacerdote.

Os seus colegas, pequenos enfermeiros e catequistas, decidiram administrar, eles mesmos, o Santo Batismo ao moribundo, que, sorrindo, via cair sobre a sua cabeça as águas que o tornariam feliz para sempre, por toda a eternidade.

"Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo." Ao terminar a fórmula sacramental, mais um anjinho entrou no céu, onde recebeu a coroa imortal. Os dois heróicos catequistas rezaram junto ao cadáver e levaram-no à sepultura, onde lhe deram o último ósculo de amor fraternal.

Os velhos índios ficaram admirados ao verem tamanho exemplo de amor e sacrifício, muito além do amor e da dedicação dos pais, que já na parte espiritual nada podiam fazer.

## **5. UMA CASA EM CIMA DA OUTRA**

Quando os salesianos construíram a sua casa de dois andares na Missão de Taracué, os índios ficaram admirados e propalaram aos quatro ventos a primeira maravilha que aparecia nos seus domínios. Quando os visitantes viram pela

primeira vez aquela casa alta, para eles um verdadeiro arranha-céu, não podiam conter-se sem exclamar: "chama! chama!" (estupenda! extraordinária!). Mas não lhes era suficiente ver do exterior o «arranha-céu»; era-lhes indispensável, para mitigar um pouco a curiosidade natural, penetrar no edifício, subir a escada, ver e tocar em tudo. A maior dificuldade que se deparou à satisfação de seus desejos foi o subir a escada...

Para vencer esta "enorme dificuldade", foi preciso que muitos se tornassem quadrúpedes; outros chegaram ao segundo andar galgando a escada de joelhos. Outro grupo só venceu a dificuldade, agarrando-se com uma das mãos ao corrimão e, com outra, à perna do colega da frente. As mulheres renunciaram, de boa vontade, a esta "expedição": não tiveram coragem! Finalmente, chegaram ao segundo andar. Andavam na ponta dos pés, devagarinho, para que as tábuas não se despregassem e eles caíssem. A cada momento manifestavam a sua admiração com várias exclamações: "Chana! Anhu! Anhupunica!", isto é, "Que bela! Bonita! Muitíssimo bonita!"

Os visitantes desta admirável maravilha desejavam contar aos outros o que tinham visto; mas como fazer-se compreender? Que nome hão de dar ao primeiro arranha-céu? Nada mais simples: contarão por todos os sítios que os missionários fizeram "uma casa em cima da outra". Eis o nome que, espontaneamente, deram os indígenas à nossa casa assoalhada da Missão de Taracúá.

## **6. PADRE, EU SABIA QUE TU VINHAS TER COMIGO, ANTES DE EU MORRER**

Um velhinho, já às portas da morte, dois dias antes de chegar o padre, disse aos parentes: "O padre vem aí!"

Não pode ser! Ainda faltam duas semanas para ele chegar, conforme ele marcara. "Eu digo, e torno a dizer, que o padre vem a caminho, porque ele chegará antes de eu morrer."

Chega o padre; e o doente diz: "Sinto-me feliz. Agora, padre, senta-te na rede e escuta os meus feitos da minha longa existência de oitenta anos."

Depois de uma longa confissão, a absolvição, a unção dos enfermos, a bênção de Maria Auxiliadora... O velho, alegre, repetia: "Eu não vos dizia que não morreria antes de vir o padre?"

O velho pediu ao padre uma roupa para se vestir. O padre, não tendo outra coisa, deu ao velho uma calça e uma camisa. O padre despediu-se, para visitar outras famílias. Depois de vinte minutos, ouviu dois tiros de espingarda: sinal de que o velho tinha falecido.

Verdadeiro milagre da graça de Deus!

## **7. UM GRUPO DE ÍNDIOS MACUS, PELA PRIMEIRA VEZ NA IGREJA**

Uma vez, na pequena capela de Jauareté-Cachoeira, cheia de indígenas que assistiam à Santa Missa, com grande respeito e devoção (alguns cochilando!)... entra um grupo de índios Macus que, pela primeira vez, entrava na igreja.

O uniforme que vestiam era o mesmo de Adão, antes do pecado. O chefe do grupo, não compreendendo o que o celebrante dizia, deixou-se vencer pelo sono. Fez uma reverência tão exagerada que bateu com a testa no banco da frente. O banco em que estava sentado caiu atrás dele. Os outros, assustados com o ruído da queda do banco e com o resmungar do tuchaua, nem olharam para a cara, mas logo saíram. À uma, todos correram na direção da porta, atropelando-se uns aos outros, com risco de se machucarem. O nosso chefe, com a vergonha e o susto, não conseguia acertar com a saída. Finalmente, pisando uns sobre os outros, e empurrando, lá se foi atrás dos seus. A 300 metros da capela, reuniram-se os Macus à volta do tuchaua e perguntaram-lhe o que tinha acontecido. O valente dorminhoco, metendo a mão na cabeça, mostrou-a ensangüentada. Inútil será acrescentar que os

pobres Macus, durante vários dias, não tiveram mais coragem de entrar na igreja. Permaneciam debruçados nas janelas da capela e não sentados em bancos, que pregavam susto e tiravam sangue.

## **8. OS PEDIDOS DE DOIS VELHOS TUCANOS**

Numa formosa manhã de agosto, duas mulheres bem velhinhas, entraram na capela da Missão de Jauareté para fazerem suas orações. Não rezam o Pai-Nosso nem a Ave-Maria, porque as desconhecem, tal como o publicano do Evangelho não os sabia; e, no entanto, saiu justificado. As orações saem do coração e não dos lábios. Ambas, em pé, por não saberem se ajoelhar, dirigem às diversas imagens que estavam na capela (cada uma pede por si), estas petições em voz alta, para que as imagens as ouçam melhor.

“Uaque, jee coja pegká, coja uai, coja...” O que significa: Deus (ou Santo), eu quero farinha, eu quero peixe... «Coja» também se pode traduzir por «dá-me», «dá para mim».

Faziam um grande número de pedidos estas novas publicanas. Pediam farinha, uma colheita farta, peixe, saúde para si e para seus familiares. Que os homens fossem felizes na pesca e na caça, que o Jurupary não lhes faça mal, e assim por diante. Tudo quanto pedem é material, porque desconhecem, infelizmente, as necessidades do espírito. Neste ponto diferem muito daquele pedido do publicano da parábola. Mas, nem por isso deixarão de ser atendidos, pois desconhecem a vida espiritual.

Ao saírem do pequeno templo, relatam, sorridentes, os pedidos que cada uma acabara de fazer a «Uaque», ao seu Deus e Senhor! Embarcaram na ubá e lá foram a caminho da sua aldeia. E o seu relato será muitas vezes interrompido pelas exclamações dos presentes: “Anhi anhu punica!” (Bem, muito Bem!).

## **9. OFERECER PEIXE AO PADRE QUE ESTÁ NA CONSAGRAÇÃO DA MISSA**

Isto também foi na capela de Jauareté. Estava o sacerdote celebrando a Santa Missa, na oração eucarística. Não pode continuar, porque um corpulento índio o interrompe. Aproximando-se dele e falando-lhe em voz alta, disse: "Quer peixe, padre?" O celebrante, refeito do susto que teve, disse-lhe baixinho, na língua deles: "Missa beré" (depois da missa). O pescador, porém, não compreendeu a resposta do padre, que prosseguia a oração eucarística, e gritou mais forte, erguendo na mão uma cesta de peixes.

"Pai, nheené egassserí uai" (Padre, quer peixe?). O sacerdote, verificando que quer uma quer outra das ofertas não estavam de acordo, porque enquanto um pedia "orações ao alto", o outro levantava para o alto os seus peixes, chamou para junto dele o vendedor de peixes e suplicou-lhe que se retirasse até a janela e que ali permanecesse caladinho até "Missa beré".

E até findar a Santa Missa, lá permaneceu o nosso índio. Mas custou-lhe ficar parado! Sentou-se sobre os calcanhares, pôs-se em pé, debruçou-se na janela, olhou para o sacerdote e remexeu nos peixes, que lhe iriam dar um pouco de tabaco, «moa» (sal), «palitos» (fósforos)!

## **10. ONÇA MATA MACU... MACU PEGA ONÇA**

Uma vez apareceu na missão de Jauareté-Cachoeira um grupo de índios do Alto Papury, para narrar aos missionários a morte trágica de dois índios: um Tucano e outro Macu.

Diziam: "Padre, onça mata Macu e Macu pega onça". De fato, não muito longe da residência da Missão, a onça conseguiu dar morte trágica a dois indígenas. Estes defenderam-se como heróis, mas a fera triunfou, matando e comendo o Tucano e o Macu... Poucos restos sobraram das vítimas.

Quando os índios souberam do que se tinha passado, dirigiram-se ao local do trágico combate; e, perante os restos mortais dos seus dois desaparecidos, juraram dar morte à onça. Imediatamente construíram uma paliçada com altas estacas e, pondo no interior os restos do pobre Macu, ficaram de sentinela, esperando que a onça voltasse para comer.

No dia seguinte a onça voltou. Andando à roda da paliçada, descobriu a sua única entrada, pela qual penetrou, para não mais sair. Quando estava no melhor do banquete, uma chuva de flechas feriu-a mortalmente. Os índios deram gritos de satisfação por terem vingado a morte dos companheiros. Fizeram uma fogueira colossal e nela colocaram a onça, até ficar reduzida a cinzas, após o que as atiraram no rio.

Quando lhes perguntaram porque não tinham conservado a pele do animal, como recordação, responderam: "a onça não merece que se conserve coisa alguma dela".

Acreditam que tais animais são impulsionados por uma força estranha — como se um dos seus inimigos estivesse dentro dela: por isso, queimam ou enterram, para os fazer desaparecer. Eis como um Macu morto serviu para caçar a onça. "Onça mata Macu e Macu pega onça."

## **11. RECEPÇÃO DO PADRE MARCHESI — UMA SÓ CALÇA PARA MUITOS ÍNDIOS**

Numa povoação, o tuchaua era o único dono de um par de calças lá existente. Eis que ao longe avistaram o missionário. Imediatamente todos são avisados e preparam-se para o receberem o mais dignamente possível. As mulheres arrumam a lenha, colocam no cantinho da grande maloca alguns utensílios da cozinha, endireitam os bancos; enfim, amigo leitor, todos sabemos os apertos por que passam as donas de casa, quando se aproxima uma visita inesperada.

Os homens estão preocupados pelo seguinte motivo: desejariam ao menos receber o sacerdote com calça; e só

havia um par. O chefe pensou um bocadinho e depois disse: “Vocês ficam aqui; eu vou saudar primeiro. Depois empresto as calças a outro; o outro tira as calças e dá para o seguinte... até termos recebido o padre. No fim eu visto a calça e não a tiro mais.”

Dito e feito. Os índios em fila, esperavam na maloca.

O P. Marchese chegou e lá foi o tuchaua, a correr, ao porto para o receber. Feitos os cumprimentos, voltou para casa, despiu as calças e deu-as ao primeiro da fila; depois disso, tornou a juntar-se ao sacerdote só com uma pequena tanga. Os outros executaram a manobra como tinha sido prevista; desta forma, conseguiram recebê-lo com um só par de calças!!!

## **12. EU TOMO O REMÉDIO, QUANDO ESTIVER BOM**

Um missionário tinha visitado um índio que estava com uma boa dose de febre. Deixou-lhe um bom purgante, umas cápsulas de quinino e deu-lhe as indicações que o caso requeria.

Cerca das nove horas, mandou levar-lhe um chá preto. O quinino só devia ser tomado pelas dezesseis horas, caso a febre não tivesse desaparecido. Caso estranho: o índio piorava e a família começou a adoecer também.

Apesar de o missionário ser um bom farmacêutico-enfermeiro, não compreendia o que se passava.

— “Abram essa mala”, ordenou o padre, para ver o que continha. Cumprida a ordem, descobriu-se o corpo do delito: ocultos entre os trapos sujos, estavam o purgante e o quinino, tais como o missionário os tinha entregue.

— “Por que você não tomou o remédio? Olha que vai morrer!...”

— “Não, padre, eu não morro. Eu tomar remédio quando estiver bom...”

## **13. OVOS DA CHOCA PARA COMPRAR SAL**

Uma vez em Jauareté, apareceu uma senhora, já velha, trazendo uma dúzia de ovos para receber em troca um pouco de sal: "moá canuaca". O despenseiro da Missão (Sr. Miguel), desconfiou do bom estado dos ovos e, quebrando um, disse: "Não presta!" (nhaanî).

A mulher ficou um pouco mortificada. Outro ovo partido. Este também não prestava. Leva-os...

A Isabel, um tanto triste, lá se foi com os dez ovos que sobraram, trabalhar no campo da Missão, com suas companheiras. O despenseiro ficou com pena dela e mandou dizer-lhe que viesse com a cuia, que lhe daria um pouco de sal, de graça. A velhinha ficou contente com o recado e voltou com os ovos para comprar o sal. O despenseiro, por meio de um intérprete, fez-lhe entender que dava o sal de graça, que levasse os ovos para a choca.

— «Anhu!» (Está bem!). Em geral, os índios do Uaupés não gostam da carne de galinha, nem dos ovos; mas criam as galinhas para vendê-las aos brancos que as pagam bem.

## **14. QUANDO SE BATE NA LUA, FICA-SE MAIS FORTE**

Havia uma linda noite de luar. Os alunos da Missão brincavam no pátio, sem necessidade de luz elétrica.

Em dado momento, reparei que um pequerrucho, com as mangas arregaçadas e com os punhos fechados, enviava murros para a lua.

— "O que está fazendo este menino? Será que enlouqueceu?"

— "Nada disso, respondeu outro. Quando se bate na lua, fica-se mais forte." Dei uma risada e respondi-lhe: "Visto que se trata de ficar mais forte, pode continuar a mandar

socos à lua, pois ela os receberá como se fossem carícias...”

## **15. GENTE QUE PASSA... GENTE QUE PASSA...**

Celebrávamos o Santo Natal na Missão de Taracúá. Apesar de estarmos longe dos grandes centros, possuímos uma máquina de cinema, para entreter os filhos da selva. Durante o dia estiveram contentes, em santa fraternidade, bebendo cachiri e fumando de quando em quando.

Mas o que mais lhes agradou foi a sessão cinematográfica, que demorou cerca de duas horas, e foi preenchida com a passagem do grandioso filme «Cristo».

Um grupo de alunos, quando viu pela primeira vez os atores moverem-se e desaparecerem, começar a dizer em voz alta: “Gente que passa... Gente que passa...”

Agora, nas proximidades de qualquer festa importante, o povo pergunta: “Gente que passa... Gente que passa...”

## **16. O JACARÉ**

De todos os animais que pululam nos rios do Amazonas, o jacaré ocupa o lugar mais importante. Difere muito pouco do crocodilo do Nilo, e atinge dimensões muito grandes: trinta e mais palmos. Ataca com freqüência o homem que se desloca em canoas. Quando perseguido, ataca estas com a cauda, dando-lhes fortíssimas pancadas, com o fim de as virar com a quilha para o ar. Ai de quem estiver na embarcação, quando isto acontece!

A cabeça do jacaré tem quase a terça parte do comprimento total. Os olhos fazem saliência, e de noite parecem tantos holofotes. A boca é enorme e as fauces, colossais, armadas de afiados dentes. O dorso é de cor escura. Em terra é muito mais perigoso do que na água; e dizem que,

tendo tido ocasião de saborear carne humana, assalta o homem com mais atrevimento.

O jacaré, tão temível, tem um terrível inimigo: a onça.

## **17. VOCÊS VÃO ENTERRAR UMA PESSOA VIVA?**

Este episódio aconteceu ao P. Bálzola.

— “Padre, lhe disse uma pessoa, aquele que leva na metade da canoa (caixão) não morreu ainda.”

— “Como?! Não morreu, e vocês vão enterrar uma pessoa viva? Quero ver.”

O velho missionário espantou-se, apesar de seus 20 anos de Missão.

— “Porque enterram uma pobre mulher viva?”

— “Ora essa! Já faz um mês que está doente, e não quer morrer!”, foi a resposta que lhe deram.

— “Tu gostarias de estar esticado numa canoa horas a fio, à espera da morte?” O fulano perdeu a fala.

— “Bom, e agora vamos tratar de outro assunto mais importante. Está batizada?” Uns respondem duvidosamente e outros negativamente.

— “Digam-lhe que peça perdão a Deus das suas faltas, e eu vou batizá-la.”

Os apressados coveiros executam a ordem do padre. Este, dirigindo-se à tranqüila enferma, que parecia compreender um pouco de português, falando-lhe das verdades eternas, da maneira que a urgência do caso exigia, a que a «morta viva» fazia sinais de cabeça, anuindo ou negando, conforme entendia.

Logo após, o santo batismo “sob condição”, purificava a alma daquela que “não queria morrer”. Mais uns vinte minutos de vida terrena, e a velhinha rendia a alma a Deus.

24, 3 Como entre nos o Sr. Graciano

Hoje desceu a nossa lancha ao encontro do Sr. João que deve subir de S. Gabriel, na Quatrilhada, com uma caixa de noi doces, jantões, gineco etc. que terá um Prado de antigos potentes e dois presentes de caídos.

Quanta teria material para alongar o presente por um acto que basta mais é?

Eu deixaria que ornasse ás minhas mãos uma carta ou escripto, que elle enviaria talvez, dous annos, e que V. Ex.<sup>cia</sup> terá lido em Paraná. O escripto leva o título "Varitas varietatum" (segue)

Essa obra "primeira" da minha sabonça serviria para fazer rir, ao que quizera sem, no Theatro

Basta, basta e basta! Estou aborrido de sua paricimia de suétrado e isto é um crime clerical que pode ser punido pela inquisição.

Reze por este peccador agora, e sempre que o é este

Seu Sr. m. J. C.

Miguel Blanco

## **Transcrição:**

*24/3 — Temos entre nós o Pe. Giaccone.*

*Hoje desceu a nossa lancha ao encontro do Pe. João que deve subir de S. Gabriel, na Auxiliadora, como uma arca de Noé: Portas, janellas, zinco etc. que terá comprado dos antigos potentados e dos presentes decaídos.*

*Ainda teria material para alongar a presente porém acho que basta, não é?*

*Eu desejaria que tornasse ás minhas mãos uma carta ou escripto, que lhe envieí fazem talvez, dous annos, e que V. Ex.cia terá lido em Manãos. O escripto leva o título "Vanitas vanitatum". (segue)*

*Essa obra "prima" da minha sabença serviria para fazer rir, aos que quizessem, no theatro.*

*Basta, basta e basta! Estou abusando da sua paciencia de mitrado e isto é um crime clerical que pode ser punido pela inquisição.*

*Reze por este peccador agora e sempre que o é este*

*Seu Ir. em J. C.*

*Miguel Blanco*

## UMA PÁGINA EM NHEENGATU

CERETAMA URICÚ PALMEIRA  
*(Minha terra tem palmeiras)*

Ceretama Uricú palmeira  
Mané u-nhengari caruxué!  
Ujraítá u-nhengari uahá iké  
Ti u-nhengari ape uahá iaué!

Iané lauáca uera piri,  
Iané ucára potyra pau;  
Urequé piri iané potyra,  
Iané ara uahá iaué!

Xe-nhun-ira pituna ramé,  
Curi piri ape a-uacemo ixé!  
Ceretama uricú palmeira  
Mamé u-nhengari caruxué!

Ceretama uricú i-porangaçaua  
Mahiê ti a-uacemo qua rupi!  
Ti a-juiri pucuçaua  
Tupá ti re-xari u-manu ixé!

## UMA PÁGINA EM TUCANO

### UAQUE DUKTICÉ

*(Os Mandamentos da Lei de Deus)*

- 1- Maía mee Viogue Uaquené mee hériponamena, nipetina akpena buf.
- 2- Uaque uameré pikçumatí canha.
- 3- Solíneme nicape, Igreja bokcéneme nicape daratícanha.
- 4- Heompeóia mee pakquere pakcoré quena.
- 5- Uehentí canha.
- 6- Ukpe pecadoré daretícanha.
- 7- Jahatícanha.
- 8- Niçotícanha.
- 9- Ukpe pecadoré dareceré egalipeatícanha.
- 10- Akpena leeré egalipeatí canha.

### OS SACRAMENTOS

*(Sacramentuna)*

Santo Baptismo ou santu Uameicccé.  
Santo Tuktuarioicccé.  
Santubuktiaçemena Altari Sacramentu.  
Santo uereierecé.  
Santo iakpati uarecé  
Santo Sacerdote ueecé.  
Santo Uamuca-detecé ou matrimônio.

